

INTERCULTURALIDAD NA AULA DE LÍNGUA ESTRANGEIRA - INGLÊS: CONTRIBUIÇÕES PARA O PROCESSO DE ENSINO- APRENDIZAGEM

INTERCULTURALITY IN THE FOREIGN LANGUAGE CLASS - ENGLISH: CONTRIBUTIONS TO THE TEACHING-LEARNING PROCESS

Sthéfanny Melyssa DOURADO SILVA¹ y Alexandre DE ARAUJO BADIM²

¹ *Universidade Federal de Goiás. Brazil*

melyssasilva@discente.ufg.br

 <http://lattes.cnpq.br/9410581096259238>

² *Universidade Federal de Goiás. Brazil*

alexbadim@ufg.br

 <http://lattes.cnpq.br/3373674189935862>

RESUMO: Este trabalho é um estudo de caso com objetivo de promover atividades sob a perspectiva intercultural crítica em grupos de brasileiros aprendizes de inglês, buscando a relevância desta abordagem na sala de aula. São apresentadas cinco aulas que trabalham conteúdos através desta perspectiva, sendo planejadas dentro de quatro etapas baseadas na metodologia da pesquisa-ação. Por meio de formulários, é registrada a opinião dos estudantes com a experiência de aprendizagem intercultural, bem como a relevância do uso de materiais artísticos para atingir este objetivo para se aproximar das contribuições extraídas. Neste trabalho, se reflete sobre as contribuições da abordagem intercultural para a aula de línguas, mediante a aquisição e reestruturação do conhecimento através do encontro de culturas em sala de aula. Busca-se fomentar a discussão sobre como identidades culturais se projetam em seus espaços enunciativos com a capacidade de desestruturar ideologias coloniais, e reconstruir o saber de forma horizontal. Considera-se que, como afirma Landulfo (2022), essa perspectiva sobre a educação se trata de um projeto de enfrentamento a opressão colonial (p. 101), que necessita ainda de maior aprofundamento para a discussão em contextos múltiplos. Em conclusão, foi possível identificar o aumento da curiosidade epistemológica e o interesse por parte dos aprendizes pelo conhecimento nesta abordagem, dentre outros aspectos que tornaram a sala de aula um espaço colaborativo, receptivo e crítico.

PALAVRAS-CHAVE: *Interculturalidad*; Abordagem intercultural; Decolonialidade.

ABSTRACT: This work is a case study with the aim of promoting activities from a critical intercultural perspective in groups of Brazilian English learners, seeking the relevance of this approach in the classroom. This work reflects on the contributions of the intercultural approach to language classes, through the acquisition and restructuring of knowledge through the encounter of cultures in the classroom. It seeks to encourage discussion about how cultural identities are projected in their enunciative spaces with the ability to disrupt colonial ideologies, and rebuild knowledge horizontally. It is considered that, as stated by Landulfo (2022), this perspective on education is a project to face colonial oppression (p. 101), which needs even greater depth for discussion in multiple contexts. Here are presented five classes that work content through this perspective, being planned within four stages based on the methodology of research-action. Through forms, the students' opinion regarding the intercultural learning experience is recorded, as well as the relevance of using artistic materials to achieve this objective in order to approach the contributions extracted. It was possible to identify the increase in epistemological curiosity and the interest on the part of learners for knowledge in this approach, among other aspects that made the classroom a collaborative, receptive and critical space. In conclusion, learners were able to reflect on their positions and identities in society by coming across different cultures and subjectivities, and thus becoming more confident, open and validating towards knowledge and other worldviews.

KEYWORDS: interculturality; intercultural approach, decoloniality.

1. INTRODUÇÃO

Ao ilustrar a vida em sociedade, um dos aspectos mais importantes para identificação de diferentes grupos sociais, senão o mais, é a cultura. A cultura pode se demonstrar em uma forma macro, como em entrelaçados compartilhados de língua, religião, alimentação, estética, etc., como em uma forma micro, como em dialetos, diferentes modos de fala, vestimenta, crença individual e valores. Por meio da cultura, os indivíduos *são*.

De forma extremamente próxima, a linguagem tem sido, desde que se tem registros pré-históricos da mesma, um instrumento para carregar, repassar, eternizar, modificar e adaptar os movimentos culturais que ocorrem na sociedade. Como aponta Lúcia Ferreira e Daniel Lima (2008), «o homem, como ser cultural, traz em sua linguagem uma “bagagem” oriunda da cultura que o “denuncia”, o identifica» (p. 6). Portanto, pela linguagem e de sua admirável capacidade de reunir os sujeitos em torno de um fenômeno, a vida tem caminhado repleta de signos e significados que trazem sentido a tudo que se refere à sociedade.

A partir deste fato, sabemos que a sala de aula é o local onde várias pessoas têm contato com o «outro», diferente de si, desde a infância. Dentro dos universos que se criam e se atravessam neste espaço, a figura do/a professor/a é fundamental para orquestrar o aprendizado e as relações interpessoais que ali se dão. Neste contexto, é certo que as descobertas feitas na sala de aula podem abrir caminhos para o pensamento crítico e a autonomia dos estudantes.

Pensando nessa posição do educador/a, sabemos que nas últimas décadas, com o avanço tecnológico dos meios de comunicação e da grande onda de conscientização social, temas

como gênero, sexualidade, etnia, religião, raça, e outros aspectos que formam traços sociais e culturais vêm se tornando cada vez mais comentados, com fins, geralmente, de combate ao preconceito e pela igualdade de tratamento. Pautas que antes eram silenciadas, hoje são comuns de serem discutidas em várias instituições sociais.

Porém, há, ainda, muita dificuldade em torno da abordagem intercultural¹, como relata Vera Maria Candau (2016). É apontado também por bell hooks² (2013) que, além da rigidez da cultura escolar, muitos docentes ainda experienciam a falta de práticas para lidar com «antagonismos» que levariam para o debate das pluriculturalidades³. Paulo Freire (2002) discute sobre a importância de tentar utilizar pedagogias engajadas, como a abordagem intercultural, frente às realidades culturais vividas em sala de aula sempre que possível, pois

O mundo não é. O mundo está sendo. Como subjetividade curiosa, inteligente, interferidora na objetividade com que dialeticamente me relaciono, meu papel [como educador] no mundo não é só o de quem constata o que ocorre, mas também o de quem intervém como sujeito de ocorrências. (Freire, 2002, p. 40)

Nesse sentido, pensar o uso ativo da língua e as práticas de linguagem no contexto de uma sala de aula de língua estrangeira se mostram fundamentais para instruir o educando a se reconhecer como pertencente ao mundo e ao mesmo tempo imerso em suas multidimensões.

O interesse por esse tema partiu do pressuposto de que o ensino de Inglês ainda é pautado sob a cosmovisão das colonialidades, discutidas aqui por Aníbal Quijano (2005) e Nelson Maldonado-Torres (2003). Para esses autores, a colonialidade do ser e da linguagem são fenômenos que cruzam a individualidade social, influenciando o modo de agir e pensar da sociedade em prol da hegemonia pós-colonial, na qual os *sujeitos coloniais* tendem a renunciarem a sua historicidade em detrimento da cultura do outro, sendo alvo de apagamento.

Dessa forma, esse estudo procura relatar como a abordagem intercultural no ensino de línguas gera impactos positivos e relevantes nos estudantes, da mesma forma que estimula o aprimoramento linguístico e a expansão intelectual. Neste sentido, ponderando sobre os meios de realizar isto, e nas avaliações que são necessárias no contexto educacional atual, discute-se ainda sobre a importância de considerar atividades que permitam que o estudante expresse e aguace seu pensamento crítico. Reflito nas palavras do poeta Ferreira Gullar: «a arte existe porque a vida não basta»; e, logo, proponho o uso de instrumentos artísticos que podem auxiliar nesta abordagem, como o audiovisual, que por vezes trazem questões que precisam ser discutidas e se concretizam na expressão artística do aluno através da produção escrita de materiais como poemas, *flyers*, textos, entre outros e/ou visuais, como em fotos e ilustrações.

1 A abordagem intercultural trata o aprendizado a partir da intersecção, encontro e ciência entre outras culturas, não necessariamente sobre elas. Nesta abordagem, o aprendiz dialoga e se posiciona com formas plurais de ser e saber. Em seu uso para ensino de línguas estrangeiras, a abordagem foca na comunicação eficiente e respeitosa entre culturas ao invés de promover modelos hegemônicos a serem seguidos (Alves, 2010).

2 A autora tem preferência pela grafia de seu nome em letras minúsculas, devido a seu posicionamento de que o conteúdo exposto deve receber mais visibilidade do que sua autoria.

3 Termo utilizado para conceitualizar a convivência de indivíduos de identidades sociais e culturais diversas em um mesmo espaço.

Para este estudo, portanto, foi feita uma sequência de aulas partindo da sensibilização dos estudantes para a abordagem intercultural, oferecendo-lhes repertório e conceitos que podem engajar em sua participação. Foram utilizados vídeos, músicas e textos diversos. A escolha por estes tipos de materiais para iniciar, ao contrário de uma apostila ou material teórico, se deu devido à pluralidade de elementos que podem ser destacados para análise em sala de aula: o uso da língua inglesa na música na concepção intercultural, o ritmo, os elementos visuais do clipe e a postura dos atores, que refletem também identidade cultural da sociedade em questão. Toda essa análise, sendo feita em língua inglesa, pode ser o suficiente para avançar na proposta. Os materiais escolhidos, para além de ser uma criação de artistas fora do espectro eurocêntrico e estadunidense, são ricos em diversidade étnica, social e de gênero, como por exemplo, o clipe *Energy*, que representa a beleza da mulher africana enquanto quebra padrões ocidentais de estética e apresenta uma nova variação de Língua Inglesa; ou o clipe *Survivor*, que coloca em pauta a luta feminista através de uma intérprete e atrizes brasileiras. Momentos como estes permitem, além de várias outras possibilidades, desmistificar o mito do «inglês perfeito», o que pode ainda se ramificar em várias outras atividades.

Nas atividades de fixação do conteúdo, ao invés do uso dos *mechanical drills*, os alunos foram estimulados às práticas artísticas e de expressão individual, como produção de *flyers*, escrita de poemas e a aproximação com materiais audiovisuais para além do conteúdo. Então, após a conclusão das atividades propostas, a avaliação da impressão dos estudantes foi feita, buscando compreender como esta proposta pedagógica impactou (ou não) o interesse e o aprendizado de cada aprendiz. Por fim, concluímos refletindo que a discussão intercultural em sala de aula deve sempre se fazer presente, principalmente em países protagonistas do fenômeno da colonialidade e pluralidade étnico social.

2. METODOLOGIA

Desenho: Este trabalho se configura como uma pesquisa qualitativa. Esse método de pesquisa é comum para as áreas da educação, linguística aplicada, biblioteconomia, enfermagem e medicina (Rees, 2008, p. 251), por ser capaz de observar o objeto ou fenômeno e tirar conclusões acerca dele a partir de suas realidades. Esta pesquisa também se denomina como uma *pesquisa-ação* visto que integro a prática e a teoria dentro de um mesmo trabalho.

Participantes: Duas turmas de Inglês 5 do Centro de Línguas da Universidade Federal de Goiás, sendo uma presencial e uma virtual, com estudantes brasileiros jovens e adultos.

Instrumentos: Questionários e entrevistas elaborados para serem realizados no primeiro e último encontro com o grupo de aprendizes. Estes foram realizados através de um formulário online na plataforma Google Forms, e foram transcritos na íntegra.

Processamento de dados: O estudo de caso realizado foi do tipo instrumental (André, 2013, p. 98), pois lidou com um objeto pouco específico e que está suscetível a acontecimentos inesperados, além de estar sob influência do professor-pesquisador. Como mencionado por André (2013), o estudo de caso se dá em três fases: exploratória, de coleta e análise sistêmica dos dados. Já a coleta de dados deu-se por meio de questionários aplicados antes e depois da

experiência, e de entrevistas ao fim da atividade de campo. Todo registro pertinente foi descrito de forma escrita em documentos separados por ordem de data de coleta.

3. RESULTADOS

Houveram 10 respostas voluntárias, sendo 60 % de mulheres cis, 10 % de homens cis, e 30 % preferiram não identificar seu gênero. A faixa etária das respostas se inicia em 15 a 18 anos, sendo a maioria (30 %) entre 22 a 25 anos, seguido de 40 a 45 anos (20 %), e o máximo atingido de mais de 50 anos (10 %). Destes, 70 % se consideram pardos, e os outros 30 % se consideram branco.

Todas as respostas⁴, de alguma forma, indicaram o aumento de interesse pelo estudo a partir da experiência com as aulas. Como mencionado anteriormente neste estudo, muitos estudantes manifestavam inseguranças e desejo de desistência no início, o que fica evidenciado aqui que foi superado a partir do engajamento na sala de aula. Os aprendizes foram provocados à curiosidade epistemológica (Freire, 2002) que engajam o aprendizado crítico e o pensar certo, de forma que se visualizassem dentro das práticas do saber.

A aplicação do formulário foi de grande proveito para a avaliação do estudo e para validar conquistas através das atividades em sala de aula. As respostas permitem a reflexão acerca das contribuições da abordagem intercultural no ensino de línguas de uma forma mais expandida. A sala de aula pôde estar além do daltonismo cultural, de forma que o aprendizado fosse avantajado.

4. CONCLUSÃO

Visando atender os objetivos deste estudo, exponho algumas considerações acerca das contribuições da *interculturalidad* para o ensino de Língua Estrangeira. Os aprendizes puderam ter uma visão ampla de identidades culturais diversas de dentro e fora do mundo anglófono. A maioria, dentre todas as respostas, se sente pertencente a uma identidade cultural que foi referenciada em sala de aula, enquanto alguns não souberam responder com precisão e outros consideraram que não. Entretanto, ainda assim, sob a luz da *interculturalidad*, os aprendizes tiveram a oportunidade de trazerem essas referências por conta própria, e apresentá-las dentro do contexto de fala e aprendizado.

Em relação à impressão dos estudantes com a experiência de aprendizagem numa perspectiva de abordagem intercultural, houve maior despertar de interesse e curiosidade, de acordo com seus relatos. Dessa forma, também houve grande contribuição para o aprendizado do grupo, considerando tanto os conteúdos programados para o nível 5 de Inglês, quanto demais conhecimentos adquiridos paralelamente. Esse fato se consolida através das perspectivas dos

4 Coletadas entre 13/12/2022 e 13/01/2023, e registradas na íntegra em tabelas e gráficos.

estudantes e de seus resultados finais ao fim do semestre. O engajamento por meio de atividades criativas, artísticas e culturais foi essencial para discussões e expressões que colaboraram para o desenvolvimento final.

Assim como busca a interculturalidade crítica, foi possível realizar uma experiência onde a individualidade não era uma ferramenta para isolar, mas sim para completar o arco-íris de culturas de Candau (2003), costurando diferentes formas de pensar, ser, falar, articular e expressar em uma rede colaborativa de ensino-aprendizado. Os aprendizes puderam refletir sobre suas posições e identidades na sociedade ao cruzarem com diferentes culturas e subjetividades, e assim se tornarem mais confiantes, abertos e validativos para o conhecimento e outras cosmovisões. O fomento ao pensamento crítico também foi, a meu ver, um êxito consequencial, analisando a postura dos estudantes ao longo do curso, seus questionamentos, elaboração de atividades, e, consolidando, suas respostas no formulário.

A análise dos resultados pôde trazer novas perspectivas para professores de línguas para a forma de planejamento e discussão dos conteúdos das aulas. Das contribuições, saliento principalmente o aumento de interesse e o fomento à curiosidade epistemológica; e a abertura de caminhos para que os estudantes possam trilhar uma jornada de aprendizado com maior pensamento crítico e autonomia. Também, a maneira de preparação deste projeto através das etapas descritas de forma micro e macro para sensibilizar, estimular, provocar e consolidar, concomitante com a metodologia da pesquisa-ação, se mostrou relevante para atingir resultados quanto à aquisição e compartilhamento de conhecimentos múltiplos.

REFERÊNCIAS

- Alves, M. N. (2010). *A importância da abordagem intercultural no ensino de francês* (Trabalho de Conclusão de Curso [Licenciatura em Letras], Universidade Federal do Rio Grande do Sul), Porto Alegre.
- André, M. (2013). O que é um estudo de caso qualitativo em educação? *FAEEBA – Educação e Contemporaneidade*, 22(40), 95-103.
- Bakhtin, M. (2006). *Estética da criação verbal*. WMF Martins Fontes.
- Baptista, L. (2022). Colonialidade da Linguagem. Em C. Landufo y D. Matos (Eds.), *Suleando Conceitos em Linguagens: decolonialidades e epistemologias outras* (pp. 51-59). Pontes Editores Ltda.
- Brasil. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*.
- Candau, V. M. (2016). Cotidiano escolar e práticas interculturais. *Cadernos de Pesquisa*, 46(161), 802-820.
- Crystal, D. (2003). *English as a Global Language*. University Press, Cambridge.
- Del Valle, N. (2013). Estética, multiculturalismo e decolonialidade. *Revista de Estudios Globales y Arte Contemporáneo*, 1(1), 141-149.
- Engel, G. (2000). Pesquisa-ação. *Educar*, 16, 181-191.
- Ferreira, F. C. da C. e Pessoa, R. R. (2018). Desestabilizando ideologias linguísticas em uma sala de aula de inglês. *Linguagem: Estudos e Pesquisas*, 22(1). Recuperado de <https://doi.org/10.5216/lep.v22i1.54471>
- Ferreira, L. e Lima, D. (2008). Linguagem, cultura e educação: concepções. *FALS*, 1-12. Recuperado de <http://www.fals.com.br/revela/revela027/edicoesanteriores/ed2/culturalinguagem.pdf>
- Freire, P. (2002). *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Paz e Terra.

- Hooks, B. (2013). Pedagogia engajada. Em B. Hooks (Ed.), *Ensinando a Transgredir: a educação como prática da liberdade* (cap. 1, pp. 25-37). WMF Martins Fontes Ltda.
- Landulfo, C. (2022). Currículo e Decolonialidade. Em C. Landulfo e D. Matos (Eds.), *Suleando Conceitos em Linguagens: decolonialidades e epistemologias outras* (pp. 95-103). Pontes Editores Ltda.
- Larsson, S. (1998). On quality in qualitative studies. Em *First International Workshop: Biographical Research in Social and Educational Sciences*. University of Bremen, Oct. 5-6. Recuperado de <http://www.leads.ac.uk/educol.htm>
- Maldonado-Torres, N. (2003). Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. *El Giro Decolonial*, 127-167.
- Miglievich-Ribeiro, A. (2014). Por uma razão decolonial: Desafios ético-político-epistemológicos à cosmovisão moderna. *Civitas: Revista de Ciências Sociais*, 14(1), 66-80. <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2014.1.16181>
- Miguel, F. V. C. (2012). A entrevista como instrumento para investigação em pesquisas qualitativas no campo da linguística aplicada. *Revista Odisseia*, 5. Recuperado de <https://periodicos.ufrn.br/odisseia/article/view/2029>
- Moreira, A. F. B. e Candau, V. M. (2003). Educação escolar e cultura(s): construindo caminhos. *Rev. Bras. Educ.*, 23, 156-168. Recuperado de http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782003000200012&lng=es&nrm=iso
- Nascimento, A. M. (2013). *Interculturalidade: apontamentos conceituais e alternativa para a educação bilíngue*. Universidade Federal de Goiás, Goiânia.
- Quijano, A. (2005). Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. Em *A Colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales. Recuperado de http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf
- Rees, D. K. (2008). Considerações sobre a pesquisa qualitativa. *Signótica*, 20(2), 253-274.
- Romani, S. e Rajobac, R. (2011). Por que debater sobre interculturalidade é importante para a educação? *Revista Espaço Acadêmico*, 11(127), 65-70. Recuperado de <https://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/12715>
- Thiollent, M. (1997). *Pesquisa-Ação nas Organizações*. Atlas.
- Walsh, C. (2009). *Interculturalidad crítica y educación intercultural*.

